

O desenterro dos matacões

texto e foto **LIANA JOHN**

Seixos rolados na correnteza de rios gradualmente se tornam arredondados, desgastados por raspar na areia do fundo ou bater uns de encontro aos outros. Ao cair na água, no alto curso dos rios, os seixos são cheios de retas e ângulos, mas quando emergem, lá na foz, estão redondos e lisos. Este é um processo fácil de entender, quando imaginamos o leito do rio funcionando como uma grande lixa de polir pedras.

Mas existe outro processo – bem mais lento e mais difícil de visualizar – que ocorre dentro do solo, ao longo de centenas de milhões de anos. O resultado é parecido: ao final, as pedras emergem arredondadas. Porém trata-se de uma 'lixa' bem diferente e de pedras bem maiores, que são desenterradas pela erosão do solo à sua volta. Como se diz tecnicamente, trata-se de um relevo exumado.

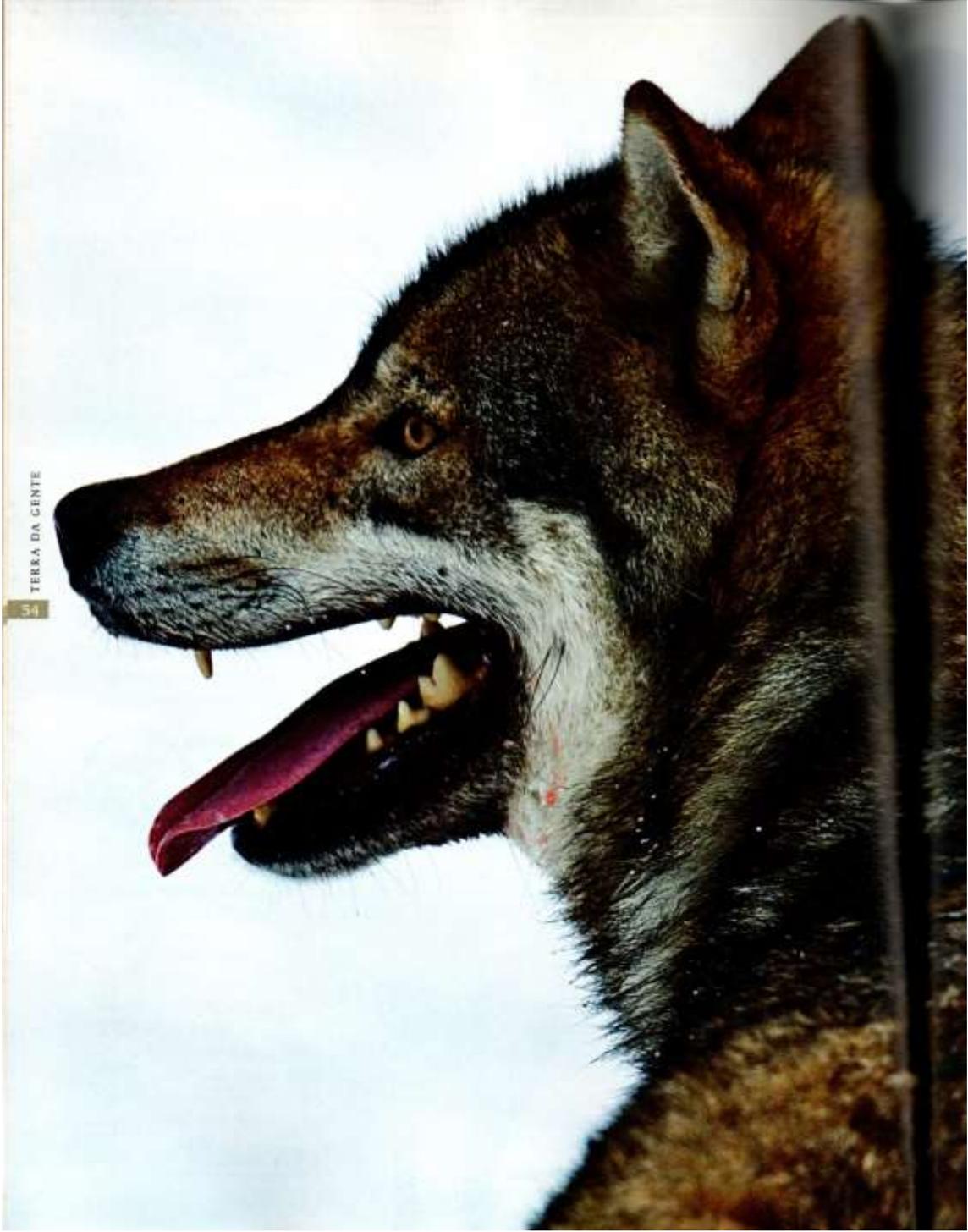
Conhecidas como matacões, as pedras são arredondadas por desgaste químico e não físico. Em geral, as que ficam mais esféricas são pedaços de rochas duras e muito antigas, de origem vulcânica

– basalto, granito, gabro, sienito. As mais achatadas, que assumem formas elípticas, em geral são rochas metamórficas, como os gnaisses. Para ser chamada de matacão, uma rocha desse tipo deve ter pelo menos 25 centímetros de diâmetro. Daí para cima, até vários metros de diâmetro (e muitas toneladas).

Todas essas rochas são arredondadas por descamação, como se fossem grandes cebolas de núcleo redondo, perdendo aos poucos as sucessivas camadas de cascas onde estão as arestas. E o processo acontece integralmente dentro da terra: ao serem expostos pelas chuvas que carregam os sedimentos à sua volta, os matacões já estão arredondados.

No Brasil, um dos campos de matacões desenterrados fácil de avistar fica às margens da rodovia D. Pedro I (foto), no distrito de Joaquim Egídio, em Campinas (SP). Relevos semelhantes também podem ser observados nos municípios de Bodocó, Granito e Exu (PE) e nas proximidades da Chapada do Araripe (CE).





TERNA DA GENTE

54

QUEM (ainda) TEM MEDO DO LOBO MAU?

As leis europeias mudaram, o manejo das ovelhas mudou e o público entendeu a importância dos predadores para o equilíbrio ambiental. Com isso, os lobos deixaram de ser vilões, viraram atração do ecoturismo e aos poucos reconquistam território no Velho Mundo

texto **LIANA JOHN**



Lupari é uma profissão da Idade Média que resistiu até 40 anos atrás, no interior da Itália. Designava caçadores especializados em capturar lobos (*Canis lupus*) – de preferência vivos – para exibi-los nas vilas de economia predominantemente rural, angariando produtos agrícolas como pagamento por livrar a população – pastores de ovelhas, sobretudo – do predador selvagem. Depois da exibição, os lobos 'maus' eram sacrificados.



Os lobos foram salvos pela operação São Francisco

Os pastores e outros caçadores também contavam com o aval da lei para matar qualquer predador silvestre considerado uma ameaça. E os lobos sempre tiveram a pior das imagens, considerados ladrões e matadores ardilosos e cruéis, personificando os vilões das histórias infantis às conversas de bar. Assim, apesar de a espécie ser versátil quanto ao ambiente e ao tipo de presa, com grande capacidade de adaptação, aos poucos entrou em declínio, chegando a desaparecer completamente no Norte da Itália, nos Alpes, na França e

na Alemanha.

Ao mesmo tempo, na cadeia de montanhas que domina a Itália Central – os Apeninos – também sumiram diversas presas naturais dos lobos, como o muflão (*Ovis montanus*), o camoscio (*Rupicapra ornata*) e o capriolo (*Capreolus capreolus*), devido à expansão das atividades humanas e ao excesso de caça.

A situação se agravou de tal modo que, em 1970, só restava uma centena de lobos em todo o país. Eram lobos apeninos (*Canis lupus italicus*), concentrados na região de Abruzzo, cerca de 180 quilômetros ao Norte de Roma. A estimativa, na época, foi feita pelo pesquisador Luigi Boitani, da Universidade



de Roma, ainda hoje o maior especialista da Itália sobre o animal. “Eles viviam de lixo porque praticamente já não restavam presas naturais. A

população rural tinha locais onde depositava o lixo, em buracos feitos no chão e era o que os lobos comiam”, enfatiza, em entrevista à Terra da Gente.

Boitani então iniciou uma ampla campanha nacional em defesa do lobo, conhecida como Operação São Francisco, numa alusão ao santo que viveu na cidade italiana de Assis, de 1181 a 1226, e certa vez teria convencido um lobo a não atacar os moradores da vila vizinha – Gubbio – que passaram a alimentar o animal. “Fui à mídia, TV, rádio, dei



BOM PRA LOBO

As trocas de ovelhas por cavalos e vacas nas montanhas – para apagar o capim e prevenir avalanches de neve – e da espingarda pelo cão pastor de pelagem branca (no destaque) favoreceram a recuperação da população de lobos

centenas de entrevistas, fiz palestras, 2 livros, 3 filmes, dezenas de cartazes e pouco a pouco a imagem do lobo foi mudando". Apesar de os pastores insistirem na versão do mal, a Operação São Francisco mudou a opinião pública e, em 1971, com a Lei de Proteção à Fauna, o abate de lobos foi proibido em qualquer hipótese. Com isso, eles deixaram de ser um grupinho de 'vira-latas' malvistas para galgar a posição de predadores necessários para manter o equilíbrio entre espécies silvestres dentro das unidades de conservação.

Roma e a loba Capitolina

Pode-se dizer que a relação da Itália com seus lobos é histórica. Está, inclusive, na lenda de criação de Roma. A lenda começa com a disputa entre os irmãos Amúlio e Nùmitor pelo trono de Alba Longa. Amúlio assume o trono e, para assegurar seu poder, mata o filho e herdeiro do irmão, Lauso, durante uma caçada. Também força a entrada da sobrinha, Réia Sílvia, para o santuário das virgens vestais. Mas o deus Marte tinha outros planos para a jovem e a engravidada. Réia Sílvia dá à luz os gêmeos Rômulo e Remo, num bosque consagrado ao deus da guerra. Ao saber disso, o rei Amúlio manda matar a sobrinha pela infidelidade ao voto vestal e expor os gêmeos às águas do rio Tibre, num cesto calafetado. O rio havia transbordado em uma de suas cheias periódicas e começava a vaziar, assim, o cesto logo encalhou no seco.

Ao ouvir o choro dos gêmeos, uma loba que perdera os filhotes os recolhe e busca abrigo na gruta Lupercal, onde os amamenta. Um pastor, Fáustulo, observa a movimentação da loba e encontra os meninos, levando-os para casa, onde os cria com sua mulher, Aca Laurência. Já crescido, certa vez Remo é levado à presença do rei Amúlio, acusado de roubar gado. O rei o envia a Nùmitor para ser julgado, mas este reconhece a grande semelhança do rapaz com sua filha Réia Sílvia. Nesse meio tempo, Rômulo e o pastor Fáustulo correm em defesa de Remo e a origem dos gêmeos se esclarece. Ambos matam o rei Amúlio e devolvem o trono ao avô, Nùmitor, que os aconselha a fundar uma cidade no local onde foram encontrados. Os irmãos então iniciam uma disputa, vencida por Rômulo, com a morte de Remo. E a Roma fundada em pé de guerra mais tarde se transforma na poderosa Capital do Império Romano.

O local onde os gêmeos foram encontrados pela loba hoje é o Capitólio e a loba ganhou o nome de Capitolina. Ela é representada por uma estátua de bronze e está também na bandeira de Roma. Diversas outras representações de lobos ainda estão presentes em fontes de água e nas esculturas de ruínas arqueológicas dos séculos 1 a 3, quando o Império Romano chegou ao auge.





Paralelamente, a bem-sucedida reintrodução de cervos e cabritos selvagens nos 500 km² do Parque Nacional d'Abruzzo criou condições de repovoamento das montanhas com as presas naturais dos lobos. E aquela centena de lobos famintos ainda conquistou mais uma chance de se multiplicar com a decisão dos pastores - um tanto forçada pelas autoridades, deve-se admitir - de aposentar as espingardas e confiar as ovelhas aos cuidados de seus cães. Em geral, os pastores mantêm a proporção de 5 cães para 300 ovelhas e guarnecem os cães com coleiras de espinhos de metal, cuja função é ferir os lobos

O criador é indenizado se o animal for morto por lobo

em caso de ataque. Os pastores das montanhas voltaram a criar uma raça de cães pastores de pelagem branca, chamada mastino abruzzese, especialmente para defender os rebanhos dos lobos. E os predadores em recuperação foram obrigados a reaprender a caçar bichos mais ariscos.

Outra mudança favorável veio nos

últimos 10 anos, como efeito colateral inesperado de uma medida de proteção contra avalanches de neve, conforme explica Luciano Sammarone, chefe da Polícia Florestal do Estado em Abruzzo: "A União Europeia passou a subsidiar a criação de vacas e cavalos nas montanhas, porque um estudo mostrou que a neve desliza sobre o capim intacto, enquanto o capim curto, cortado pelo gado durante o verão e o outono, segura a neve, prevenindo avalanches. Vacas e cavalos passaram a ser criados soltos, pois não é preciso recolhê-los em abrigos todas as noites, como as ovelhas, e o subsídio garante o ganho sem muito



LOBO APENÍNICO

O lobo adapta-se bem a vários ambientes, do nível do mar às montanhas geladas, como os Apeninos, na Itália (acima), onde ficam longe do homem

esforço. Em pouco tempo, os pastores tradicionais de ovelhas mudaram para o gado”.

Um ou outro criador ainda usa os cachorros para cuidar das vacas, mas a maioria deixa os animais à própria sorte. “Os lobos apenínicos aprenderam a caçar bezerras e potros, mas é mais difícil enfrentar esses animais grandes do que atacar ovelhas. De qualquer forma, o parque passou a indenizar os criadores por animais mortos por lobos, com

a condição de os lobos não serem caçados”, continua Sammarone. O fato de não ter perdas econômicas amenizou o conflito entre criadores e lobos. “Hoje, se o criador encontra uma carcaça ele chama a administração do parque ou nosso posto policial e enviamos um veterinário e um guarda. Se o veterinário comprova que a causa da morte foi um ataque de lobos, o proprietário recebe uma indenização conforme o tamanho e a idade do animal perdido. Mesmo assim, ainda existem criadores e pastores que envenenam os lobos, pois hoje é muito fácil comprar pesticidas para a lavoura mas usar para matar os pre-

dores. Deveria existir uma lei para regulamentar a venda e o uso desses químicos”.

Em 2008, em toda a Itália foram cerca de 1,5 milhão de euros em indenizações, incluindo esses danos causados por lobos – os mais numerosos – e também por outros animais silvestres, como os ursos marrons (*Ursus arctos marsicanus*), por invadir apiários ou plantações. A estimativa de vacas, cavalos, cabras e ovelhas mortos por lobos é de apenas 2 mil por ano. Vale observar que, diferente das unidades de conservação brasileiras de proteção integral, dentro dos parques nacionais italianos

Lenta recuperação

Espécie extremamente flexível quanto ao ambiente, o lobo habita áreas de vegetação aberta ou fechada, do nível do mar a altitudes relativamente altas, mesmo onde os invernos são rigorosos. As exceções são os desertos e as florestas tropicais. Originalmente tinha uma ampla distribuição em todo o Hemisfério Norte, do Círculo Ártico à latitude 20° Norte, ou seja, México Central, Norte da África e Sul da Ásia. Hoje, porém, está restrito a áreas protegidas ou pouco povoadas, devido à intensa perseguição do homem, à competição com homens e cães por presas e à perda de habitat.

Na Itália, os grupos com territórios estabelecidos estão todos nas encostas de montanhas, onde existe menos gente. O lobo apenínico é menor do que os lobos do extremo Norte da Europa, dos quais ficou isolado por pelo menos 150 anos. Alcança uma média de 1 metro de comprimento, 60 centímetros de altura (até o ombro) e até 50 kg. As alcateias nos Apeninos também são menos numerosas do que as da América do Norte. Ficam entre 3 a 6 indivíduos, 7 no máximo. O casal permanece junto durante todo o ano e tem uma cria por ano, de 4 filhotes, em média, também bem menos do que os lobos norte-americanos e cachorros de mesmo tamanho. A área necessária para cada grupo varia entre 100 e 300 km², chegando a 400 km² em locais com pouco alimento. Todos estes fatores, juntos, contribuem para um ritmo lento de recuperação da espécie na Europa.



LUIGI BOITANI



Lobos italianos migram aos países vizinhos e são vítimas de atropelamento

admite-se a permanência de produtores rurais e cidades. Boa parte desses animais domésticos atacados, portanto, encontra-se no território destinado à conservação das espécies selvagens.

O pesquisador Luigi Boitani continua monitorando os lobos, cuja população atualmente é estimada entre 800 e 1.000 indivíduos, em toda a Itália. Ele acompanha a movimentação dos jovens machos

em busca de novos territórios por meio de radiotelemetria e afirma que os Apeninos italianos estão 'exportando' lobos para a França e para a Alemanha. "Tivemos lobos que se deslocaram por mil a 1.500 km", revela. "Na organização social dos lobos, a família - composta do casal e dos filhotes daquela estação mais as fêmeas nascidas na estação anterior - se mantém como um grupo, no mes-



51 TERRA DA GENTE | Itália

CADÊ O LOBO?

O lobo se 'esconde' na paisagem (acima), mas já foi visto perto de Roma, onde se pode encontrar a representação do animal em esculturas e fontes (à esq., no recorte) por toda a cidade

mo território, enquanto o jovem macho deixa a família para se estabelecer em outra área. Já monitoramos por satélite um lobo que saiu da região de Bologna e chegou a Nice, na França, e outro que saiu do Sul da Itália e foi atropelado na Baviera, na Alemanha”.

Os atropelamentos, por sinal, são um problema para os lobos. Toda a Europa é intensamente ocupada e cortada por rodovias e ferrovias. O

número de lobos mortos é alto demais para uma população em recuperação. De qualquer forma, vários lobos que saíram do Abruzzo só encontraram território para se estabelecer nos Alpes, bem ao Norte. Uma pesquisa feita pela bióloga Francesca Marucco, do Centro de Grandes Carnívoros da Itália, mostra como eles chegaram lá, evitando as cidades e áreas agrícolas, para então repovoar as montanhas conhecidas como Dolomiti.

Mesmo nas áreas protegidas e com tantos sinais de recuperação de suas populações, no entanto, os lobos apeninos ainda não estão a salvo da maior

ameaça à sobrevivência da espécie: a hibridização com os cachorros. “Não temos como controlar, é impossível. Os cruzamentos ocorrem com cães ferais (animais domésticos que voltaram ser selvagens) ou com cães abandonados. Existem muitos cães soltos na Itália!”, lamenta Boitani. “Por outro lado, agora também é possível encontrar um lobo nas vizinhanças das cidades. Eles são muito furtivos, difíceis de ver, sabem se esconder muito bem na paisagem. Mas com muita sorte e persistência podemos constatar que estão por perto. Um desses jovens solitários foi visto a 25 km daqui, logo à saída de Roma!” 🐾